

ENTRE OS DIAS A DENTRO

INTERIORES ADENTRO

Beatriz Sales da Silva



LEPED

Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ensino e Diferença

25 ANOS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Silva, Beatriz Sales da
A dentro interiores adentro [livro eletrônico] /
Beatriz Sales da Silva. -- 1. ed. -- Poços de Caldas,
MG : Beatriz Sales da Silva : Laboratório de Estudos
e Pesquisa em Ensino e Diferença- LEPED FE UNICAMP,
2021.

ePDF

ISBN 978-65-00-18376-4

1. Artes 2. Artes visuais 3. COVID-19 - Pandemia
4. Fotografias 5. Poesia brasileira I. Título.

21-63117

CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**Para ouvir o Ebook com a
narração, [clique AQUI.](#)**



LEPED

Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ensino e Diferença

25 ANOS



Faculdade de
Educação



UNICAMP



GIOVANA FONTANIELLO
motion & design

25 anos do LEPED, Bodas de Prata!

Memória viva da vida da Professora Maria Teresa, que nos ensina que é preciso ser o que é, é o que ela “ensina e aprende com os alunos de todos os tempos”, como quem sabe que:

(...) a narrativa de como alguém pergunta sobre o que há nele mesmo, sobre o que ele tem em si como experiência do mundo e, nesse perguntar, descobre-se a si mesmo converte-se naquilo que é.

Peter Hacker

(...) essa sensação de estar prestes a iniciar um momento educacional inédito e imprevisível é que me mantém ensinando. Tudo está por acontecer, e nada se repete. A não ser, é claro, a disposição de viver o novo.

Maria Teresa Eglér Mantoan

Agradecimentos

A Professora Maria Teresa Eglér Mantoan

Ao Professor Luciano Bernadino Costa

A Giovana Fontaniello Brandão

Com quem sigo aprendendo a ser...

Gracias!



Aos meus pais Alice e Antônio
Pela Graça da vida!

A cada mirada

A percepção capta o que se busca, orientada pela razão, sentimentos, compreensões, sensações momentâneas...

Processos interligados, o foco e o click da máquina fotográfica registram o começo de um ato criativo. Quanta magia nesses momentos! Certamente o mesmo condão que guiou nossos ancestrais, ao marcar nas paredes das cavernas o que os surpreendia, enternecia, amedrontava.

Esse poder orientou Beatriz, tentando entender a pandemia - tempo de suspensão das rotinas, das certezas que regulam a sua vida, a de seus familiares, da cidade em que vive.

As interpretações possíveis de suas montagens, na intimidade dos seus ambientes de vida compõem arranjos que se desdobram ilimitadamente - pequenos objetos familiares e animais, rostos, pisos, telhados, cortinas, luzes e sombras, cores que tingem as

cenas registradas, escolhidas, recortadas e que se recompõem fantasticamente, a cada mirada.

São páginas carregadas de lembranças, sensações, apetites, afetos.

Fugidias ou marcantes, elas se apresentam para nós sob focos variáveis em intensidade e nitidez. Algumas podem até passar despercebidas...

O enigma da imagem, a força do olhar, a revelação sombreada apresentam-se aos nossos olhos embaçados, acordando a memória, desvelando a ilusão pelo deslumbramento da percepção.

Assim traduzo a proposta da autora para nos iluminar estes tempos obscuros.

Participar de sua aventura e compartilhar o que a criação artística lhe proporcionou é um privilégio, um desafio, uma saída.

Em fevereiro de 2021

Maria Teresa Eglér Mantoan

A cor fluorescente a que pertença.

A arte é uma forma de preservar experiências, muitas das quais são belas e passageiras, e precisamos de ajuda para conservá-las.

Alain Botton e John Armstrong

Em uma fotografia que soa como exceção domina uma matéria leitosa, semitransparente em que diversas cores se sobressaem sem anular uma à outra. Com dificuldade distinguimos camadas de imagens entrelaçadas como se os nossos olhos estivessem turvos, aprendendo a ver. Pouco a pouco observam-se flores, plantas, azulejos, uma casa, todas povoando a figura que domina suavemente a imagem, a autora a apontar seu celular para o reflexo de si mesma.

Em uma fotografia bem anterior, a da menina que se tornou mulher, fotógrafa, educadora, vemos uma criança tímida a nos olhar por uma

fresta de imagem que parece anunciar algo mais. Além da fresta o mundo de Beatriz se apresenta enquanto um intervalo de tempo que a constitui. Um espaçamento entre o ontem e o hoje, que aos poucos se adensa em fotografias onde a saturação, as navalhadas de cor, as linhas de borda fundem-se às lembranças cotidianas as quais nem sempre percebemos.

Aquela garota ajoelhada no meio da praça, em frente da igreja, suporta sua fé. O santíssimo que o padre ergue sobre sua vestimenta anuncia um dia festivo pelas ruas vazias da cidade. Um tempo estranho nos faz recordar, tempo de isolamento, de privação, de consumo que afetam as manifestações humanas mais ancestrais. Tão antigas, talvez, como um “bobs” que nos anos 60-70-80 emolduravam os rostos das mulheres no preparo de seus cabelos, quem sabe para ir à missa. (A fotografia tem dessas coisas, oferece encontros inesperados.) O olhar distante dessa personagem replica-se em outra foto em que as mãos se jun-

tam a bordar algo, aguardando pacientemente ser retratada.

É a mãe da fotógrafa, creio eu, e, junto com ela sua casa, sua cidade, sua gente, sua fé. Através desse universo somos convidados a visitar a Bia em seu encontro consigo mesma.

E a cor lhe acompanha nas suas fotografias, como descoberta, experiência e encantamento com as possibilidades de interferências por meios digitais recentes. Nas imagens não há espaço para tonalidades compassadas, invasão de luzes filtradas, pois tudo se transborda em cores complementares, pigmentos puros formados por pixels luminosos antes mesmos de serem fundidos um ao outro.

Nessa urgência para chegar aos olhos do observador, essa matéria plástica atropela, por vezes, a delicadeza da fotógrafa, lembrando pinceladas expressionistas misturadas às linhas fronteiriças de processos fotográficos analógicos como a so-

larização. A fotografia aqui, associada aos programas de tratamento da imagem, torna explícita o princípio eletrônico que sustenta nosso dia a dia mediado por telas.

Mas quem dirá que há uma só forma de ver, uma forma correta de construir nossos mundos. A Bia nos ensina que não é preciso ir muito longe, nem mesmo ver muito nitidamente para se po-voar de amor por estar no mundo. Apresenta a sedução por uma densidade cromática e luminosa que é necessária para atravessar as lentes mais espessas. Combina essa matéria com um sentimento de pertencimento pelo doméstico, pelas serras, pela arte, pela vida olhando de soslaio para si mesma.

Texto de **Luciano B. Costa**



Não sei muito bem por que escrevo isto, talvez saiba, mesmo que ainda não entenda! Mas esta foi a primeira imagem que veio ao encontro dos meus sentimentos, apareceu sob névoa fininha a história que li, não sei precisar quando, já faz muito tempo, era menina. Fazia parte da Revista Seleções que é o nome que recebem as versões brasileira e portuguesa da Reader's Digest, Revista mensal criada em 1922, por Lila Bell Wallace. Um de seus objetivos na América do Sul e alguns países europeus como Portugal e Espanha foi difundir a literatura norte-americana¹.

A que chegou as minhas mãos tinha páginas amareladas, letras miúdas, capa dura de um azul desbotado, lá no “meinho” encontrei a história que nunca mais saiu de mim.

As Galinhas e Eu era o título. Contava em primeira pessoa a vida de uma mulher e a relação dela com a vida das galinhas, sua intimidade interiores adentro. Nunca mais tive notícias desta história, mas hoje encontro nela a possibilidade de fazer o trocadilho: As fotografias e eu.

¹ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%B5es>
Acesso em outubro de 2020.

Assim como as galinhas e eu, a fotografia estabelece em minha vida o vínculo capaz de me fazer expressar como mulher, como a menina que mora em mim. Que volta e meia sai comigo pelas ruas observando a cidade com olhos de poesia.

Foi em 2020 durante a pandemia, participando com um grupo de pessoas², entre elas o professor Luciano, Gil Sibin, Sérgio, Antônio (Santista), Ruy, Carmem, Ana Divino, Diego, Adriene e Lucas, que se encontram todas às terças-feiras à noite pela Plataforma Zoom para aprender mais sobre a fotografia, para além da técnica, acreditando que a “fotografia é pura invenção”. Foi lançada a ideia de fotografar a intimidade das nossas casas, durante esse período. Um tempo difícil de se viver, não é o tempo do Cronos que quantifica, mas um tempo kairós que qualifica. Que convida para o enfrentamento da convivência com as nossas casas, o lar, e o nosso avesso. Fomos chamados a encará-lo, tarefa simples não é, ainda mais quando do lado de fora tudo convida a hibernação para esperar o perigo

2 Grupo de Estudos e Criação em fotografia localizado em Águas da Prata, SP, sob a Coordenação de Rodrigo Copolla.

passar. Talvez o maior perigo entre todos tenha sido passar por esse tempo sem adentrar nosso interior, sem reconhecer lá como a nossa verdadeira morada.

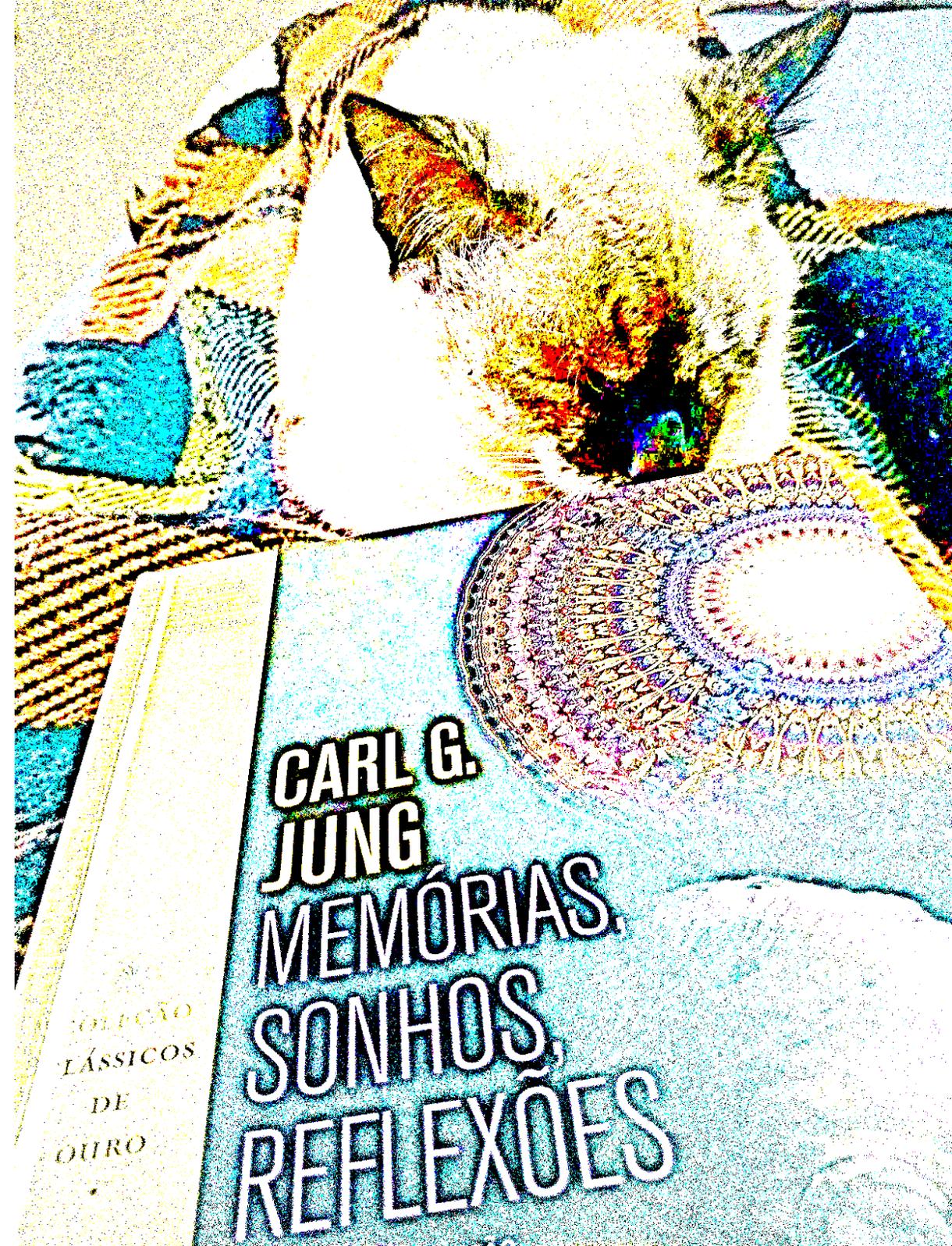
E foi assim que, adentrando interiores a dentro de mãos dadas com essa menina que mora em mim, fiz o registro destas fotografias muito diferentes do que fazia até então. Durante muito tempo considerei a fotografia como algo que não poderia ser manipulada, transformada. Era um sacrilégio, tinha que manter sua forma, sem retoques.

Mas numa das curvas pelo meu interior a dentro ouvi a voz da menina dizendo:

- Heresia é não amar! A mulher escutou aquilo e parou de pensar. Começou a sentir, olhou para o avesso e viu que era mais bonito do que o direito. Andou pela casa, saiu pelas ruas, enxergou o que antes não via. As fotografias e eu apresentam o olhar da menina mulher, que vê na pandemia um tempo de descobertas, de invenção, mesmo que doa!

Beatriz Sales da Silva

Outubro de 2020



Você precisa mudar
de olhos (...)

Rilke



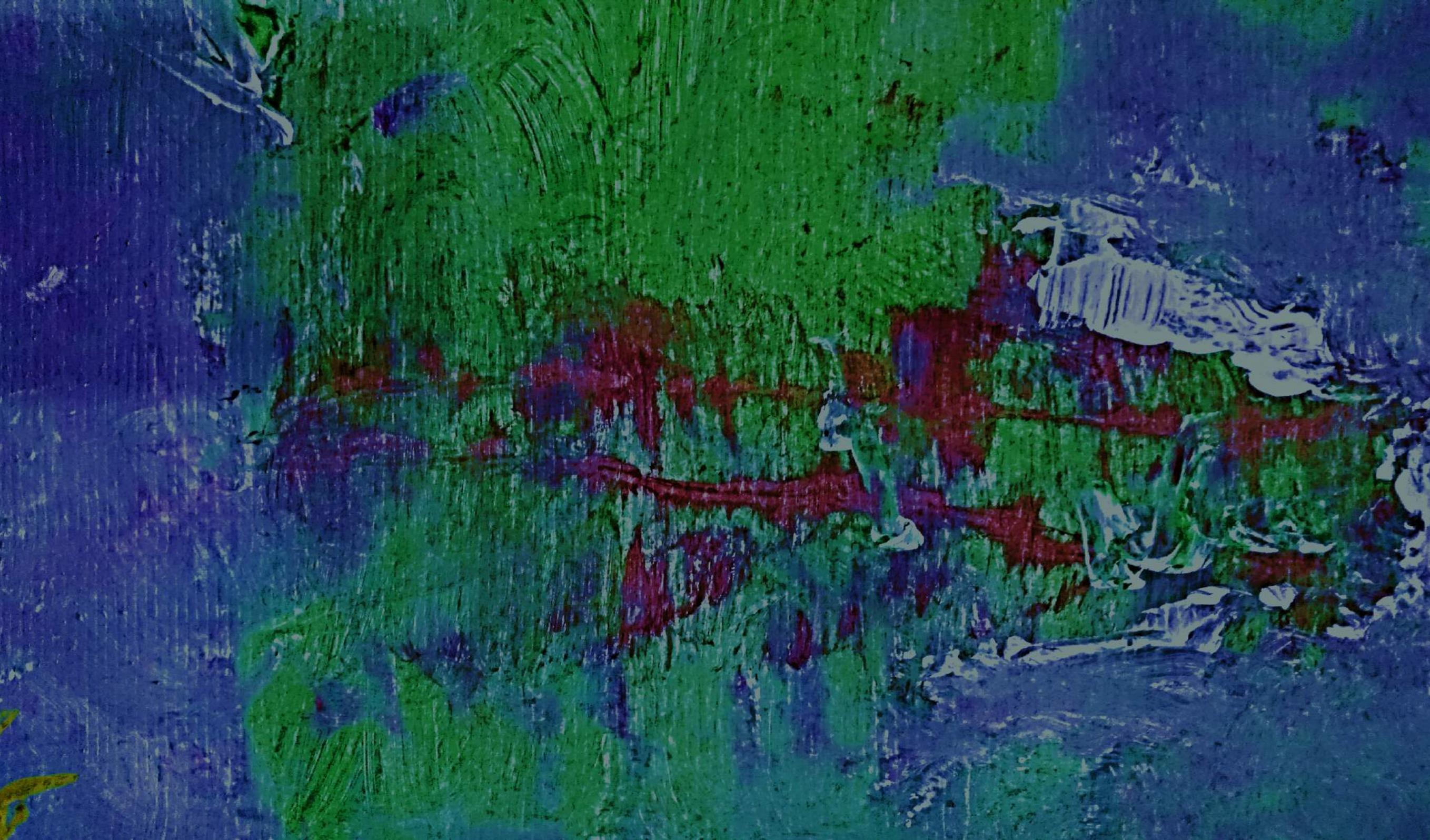
$$(x + a)^n = \sum_{k=0}^n \binom{n}{k} x^k a^{n-k}$$

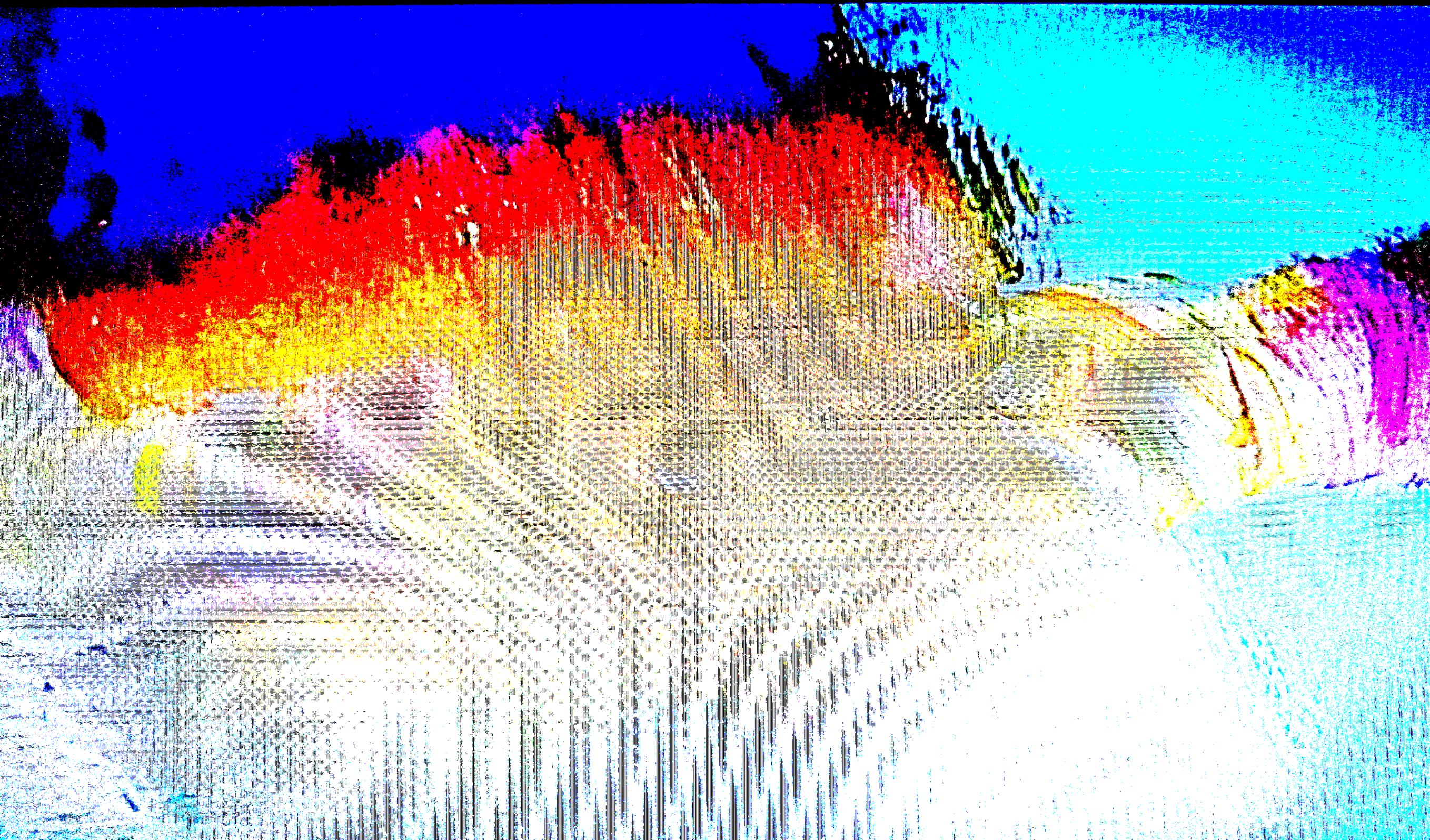
$$(x + a)^n = \sum_{k=0}^n \binom{n}{k} x^k a^{n-k}$$

$$f(x) = a_0 + \sum_{n=1}^{\infty} \left(a_n \cos \frac{n\pi x}{L} + b_n \sin \frac{n\pi x}{L} \right) (x + a)^n = \sum_{k=0}^n \binom{n}{k} x^k a^{n-k}$$







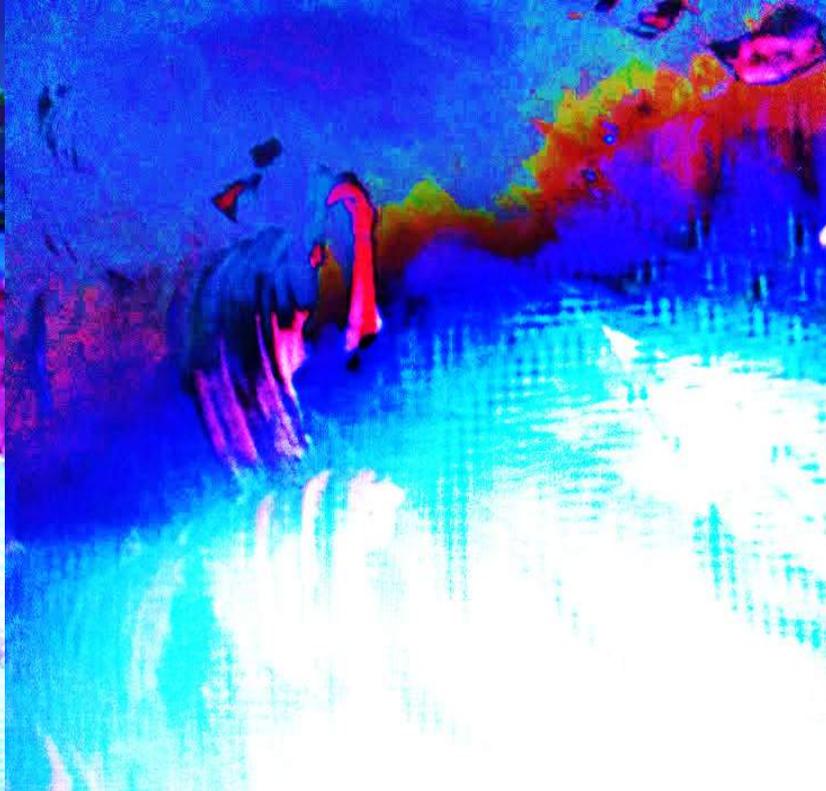
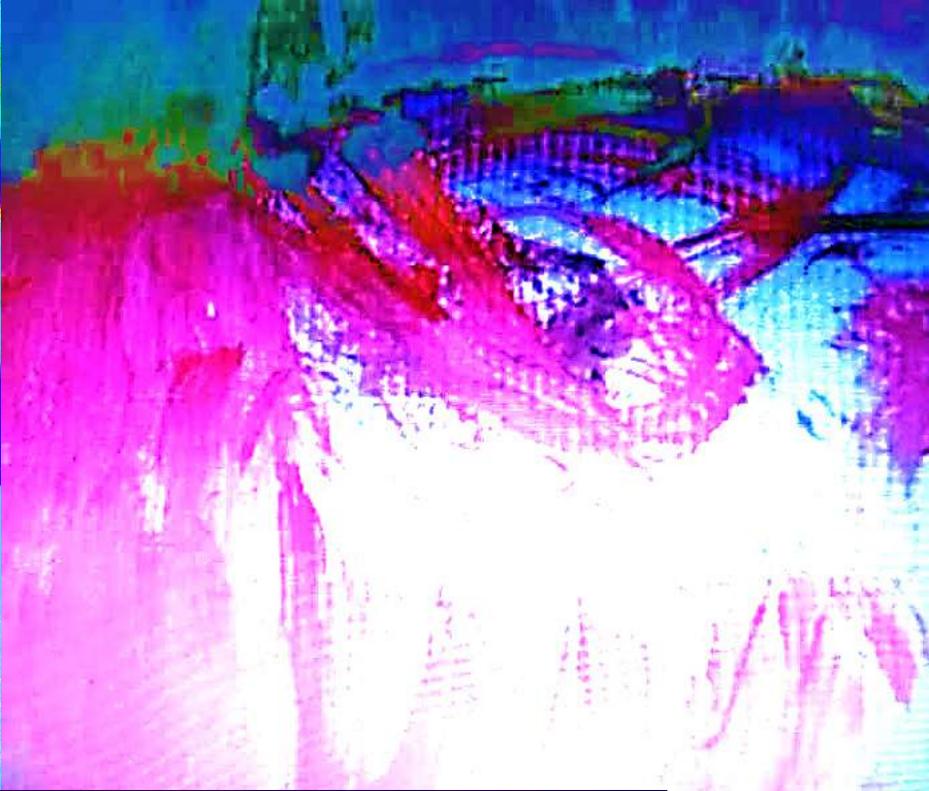
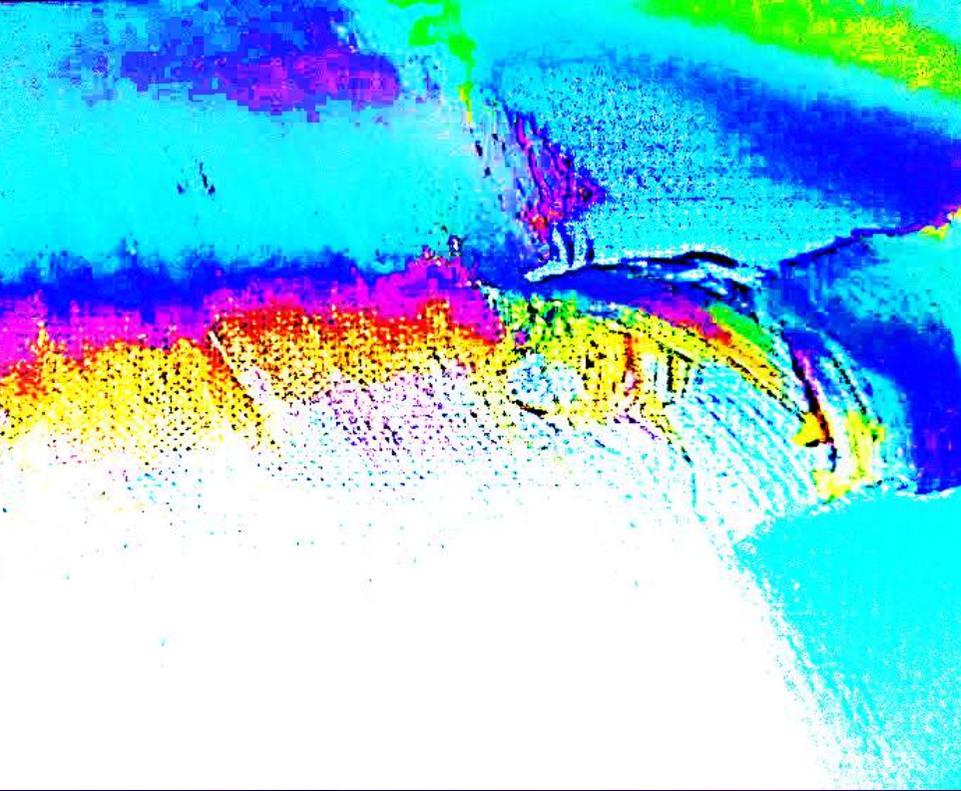






Rubros cabelos outrora
dança pulsa
neve cai
vida esvai
dança muda
face oculta
alma rubra
crepúsculo
além mar

zirtaeb

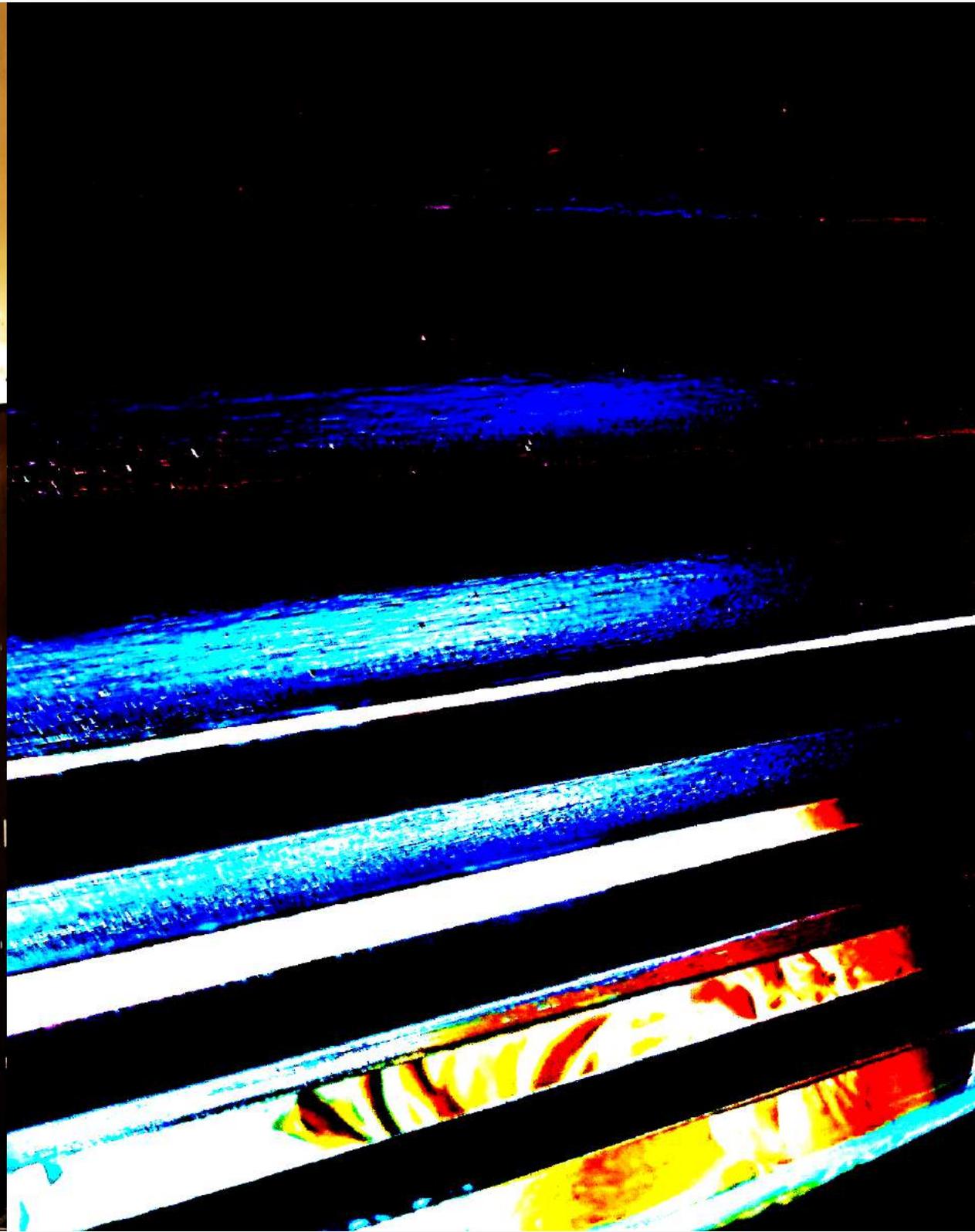


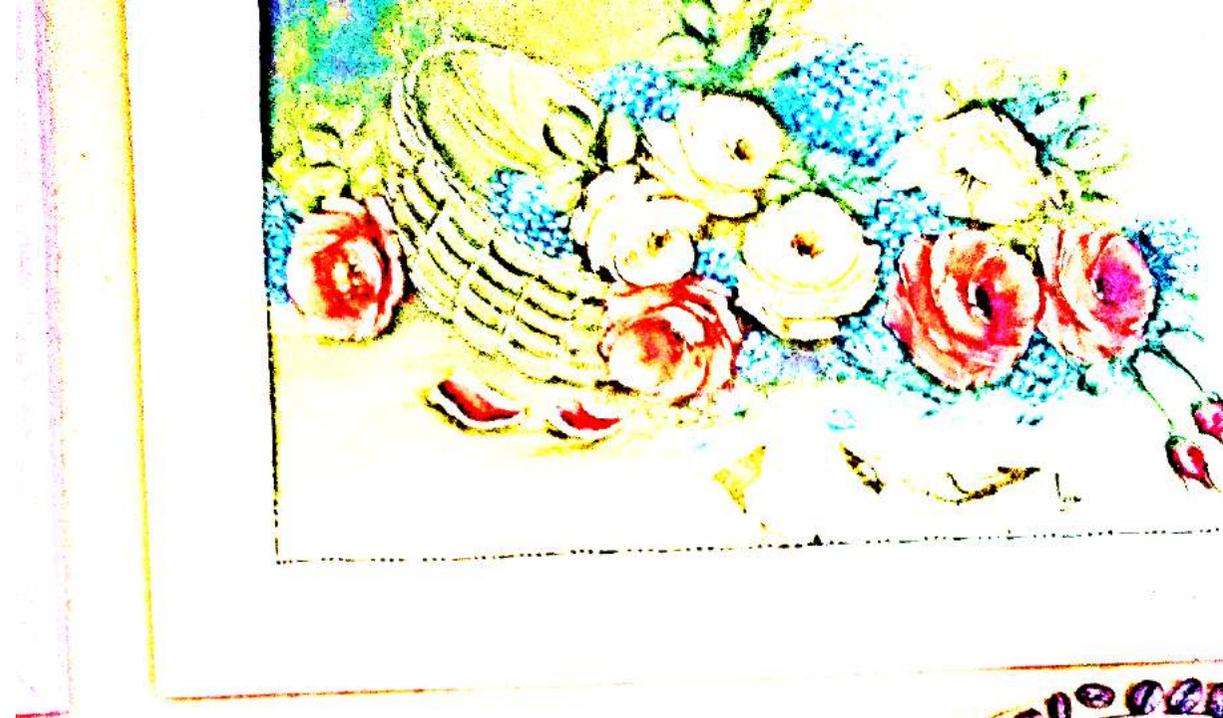


Tinha a impressão de estar completamente só. Era o primeiro homem, que sabia ser esse o mundo e que, através de seu conhecimento, acabara de cria-lo naquele instante.

Carl Gustav Jung









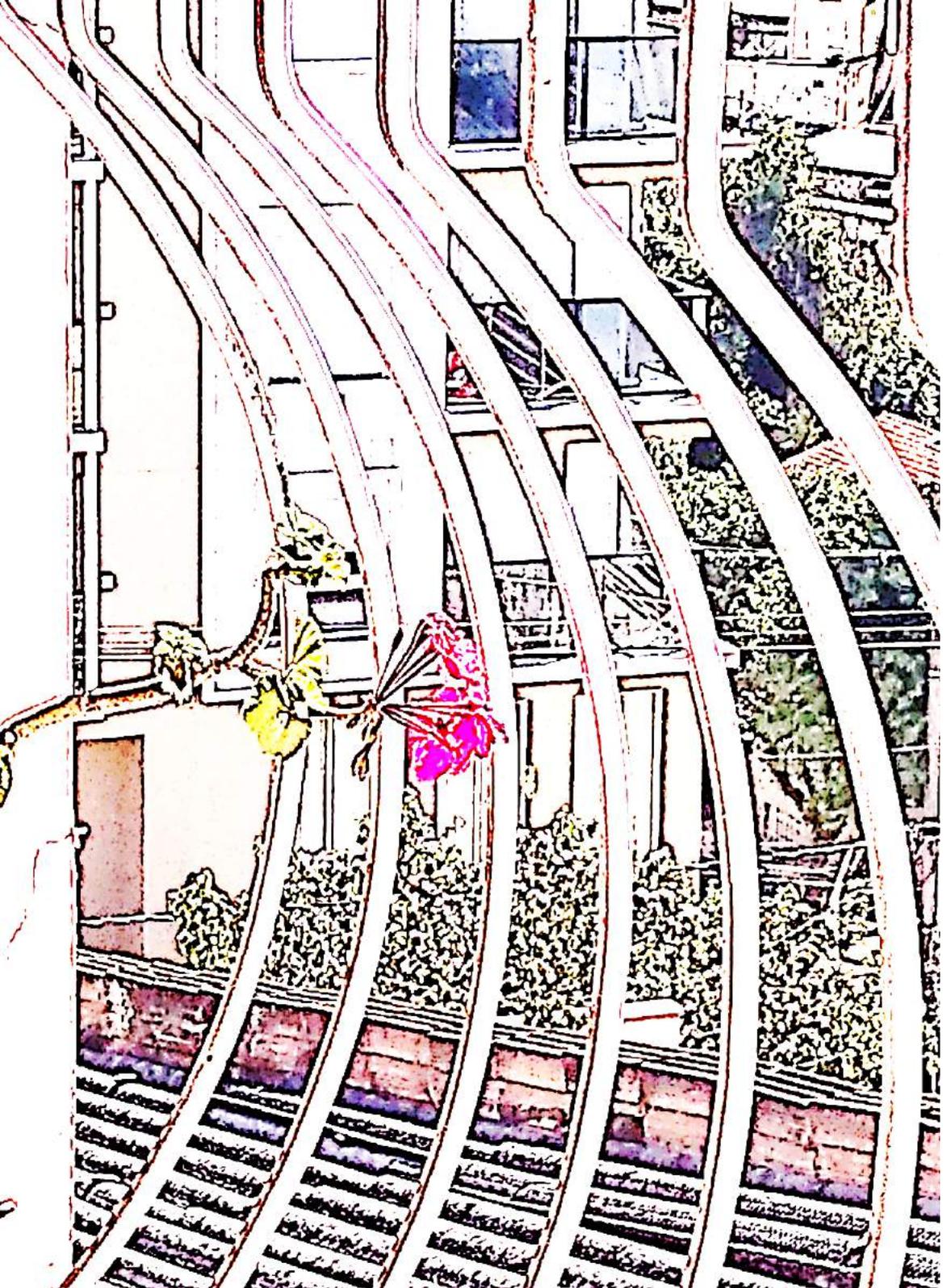










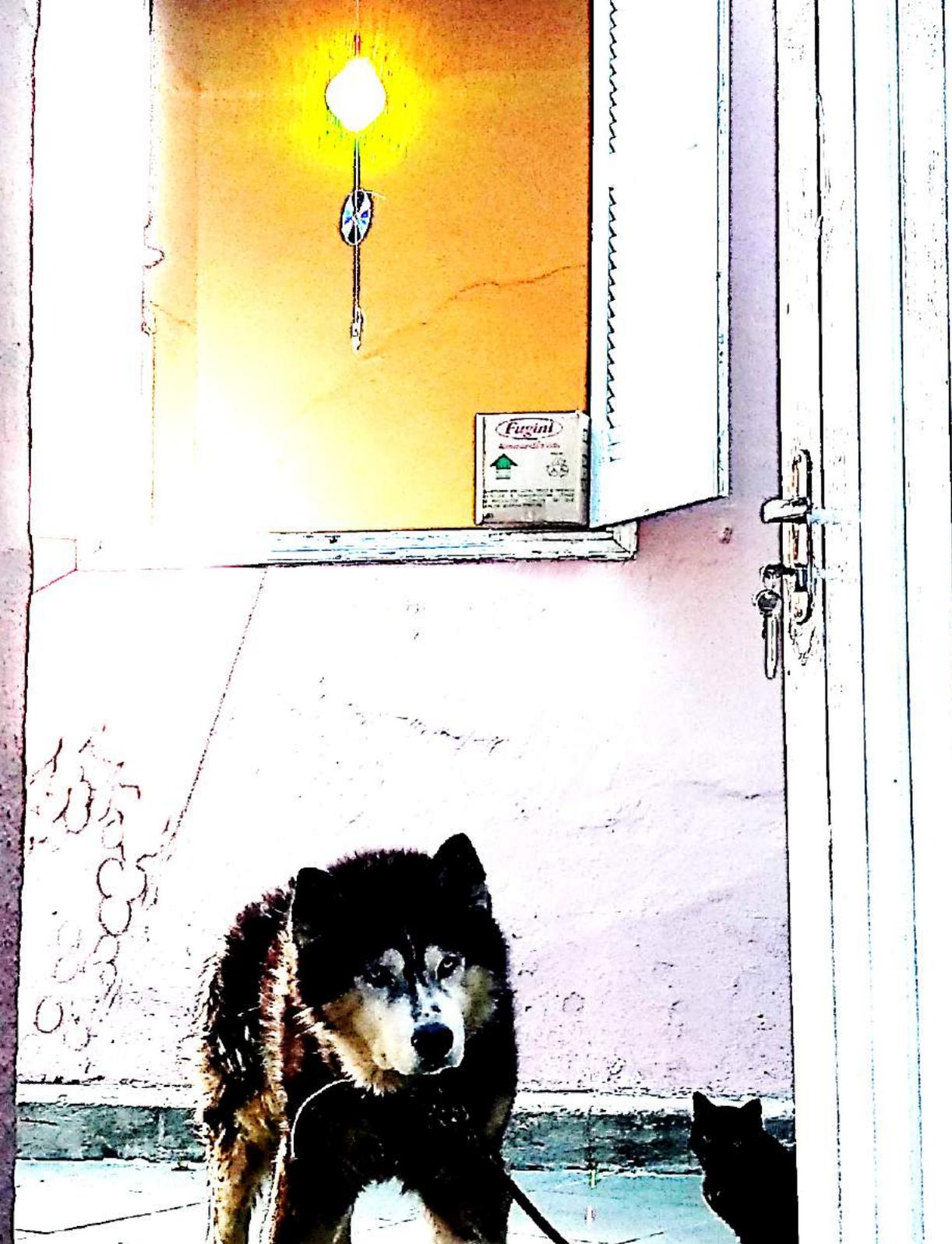


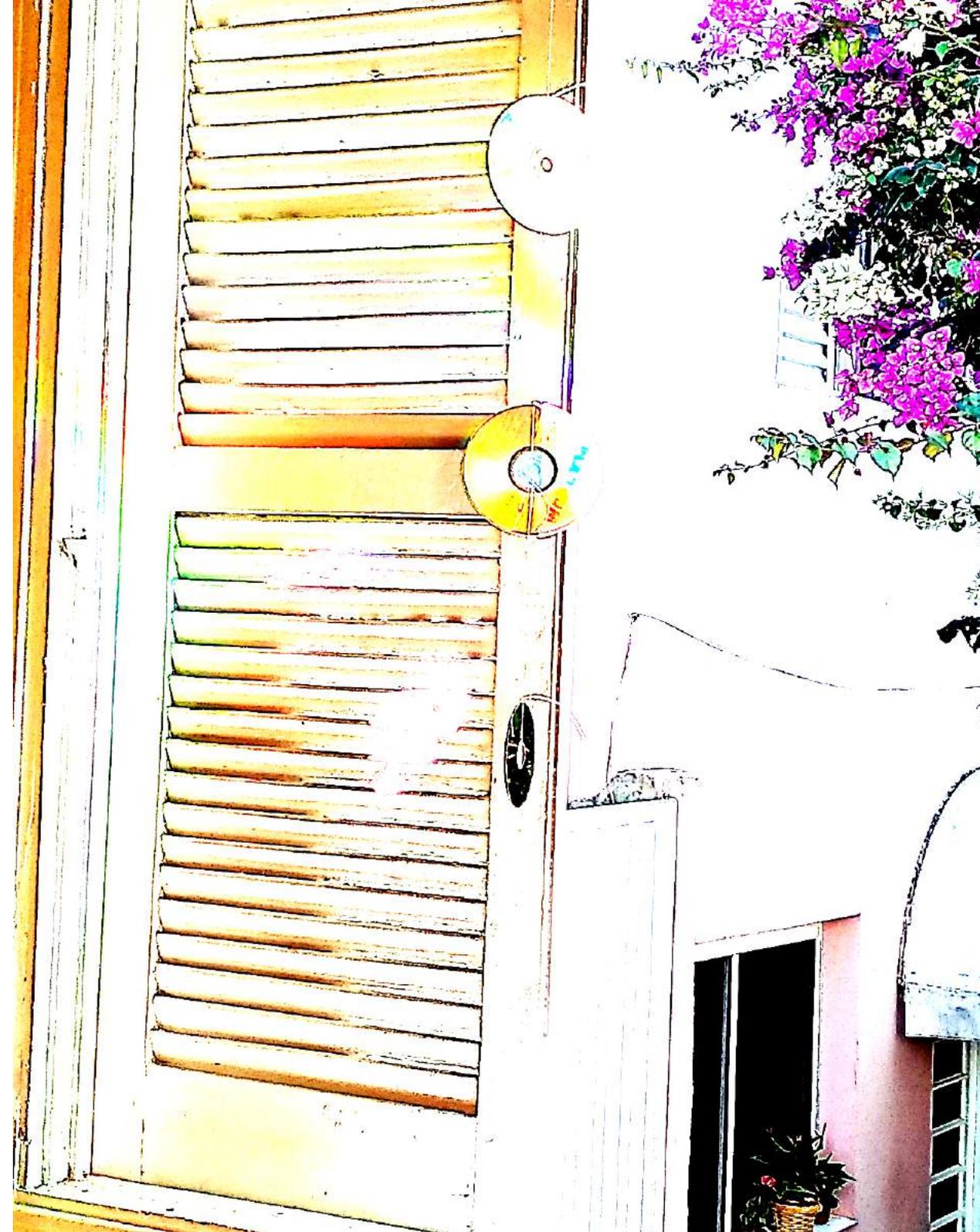








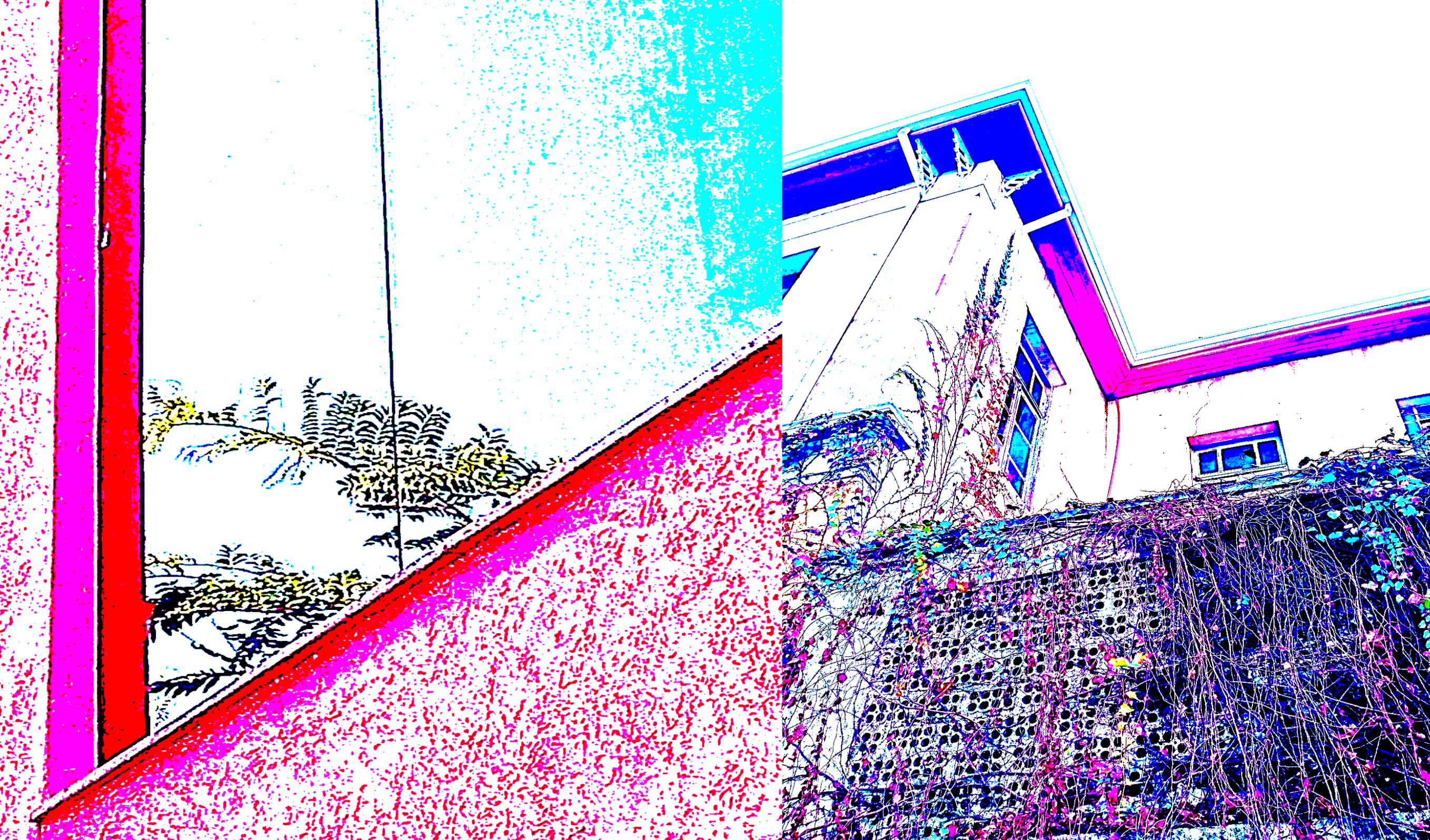




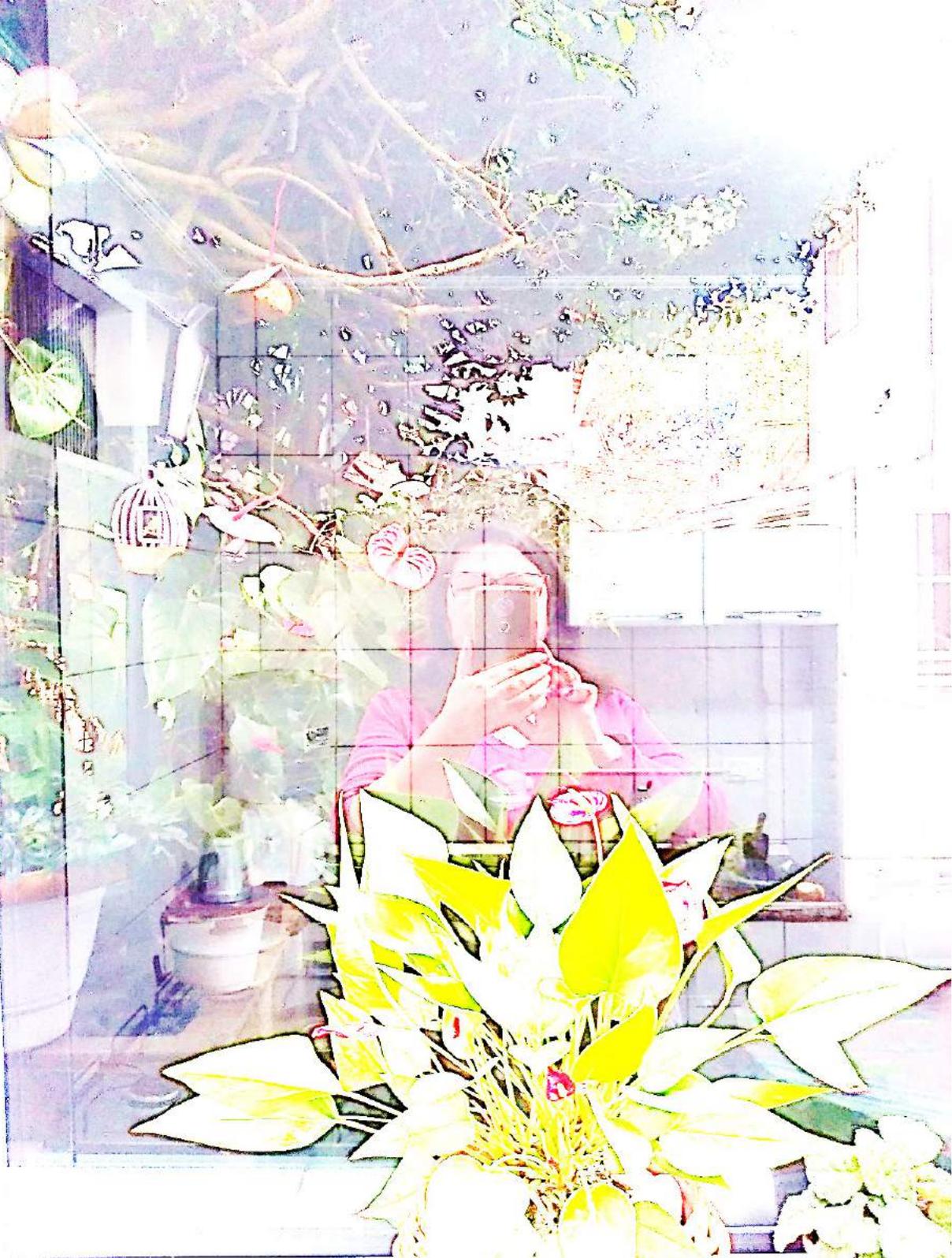


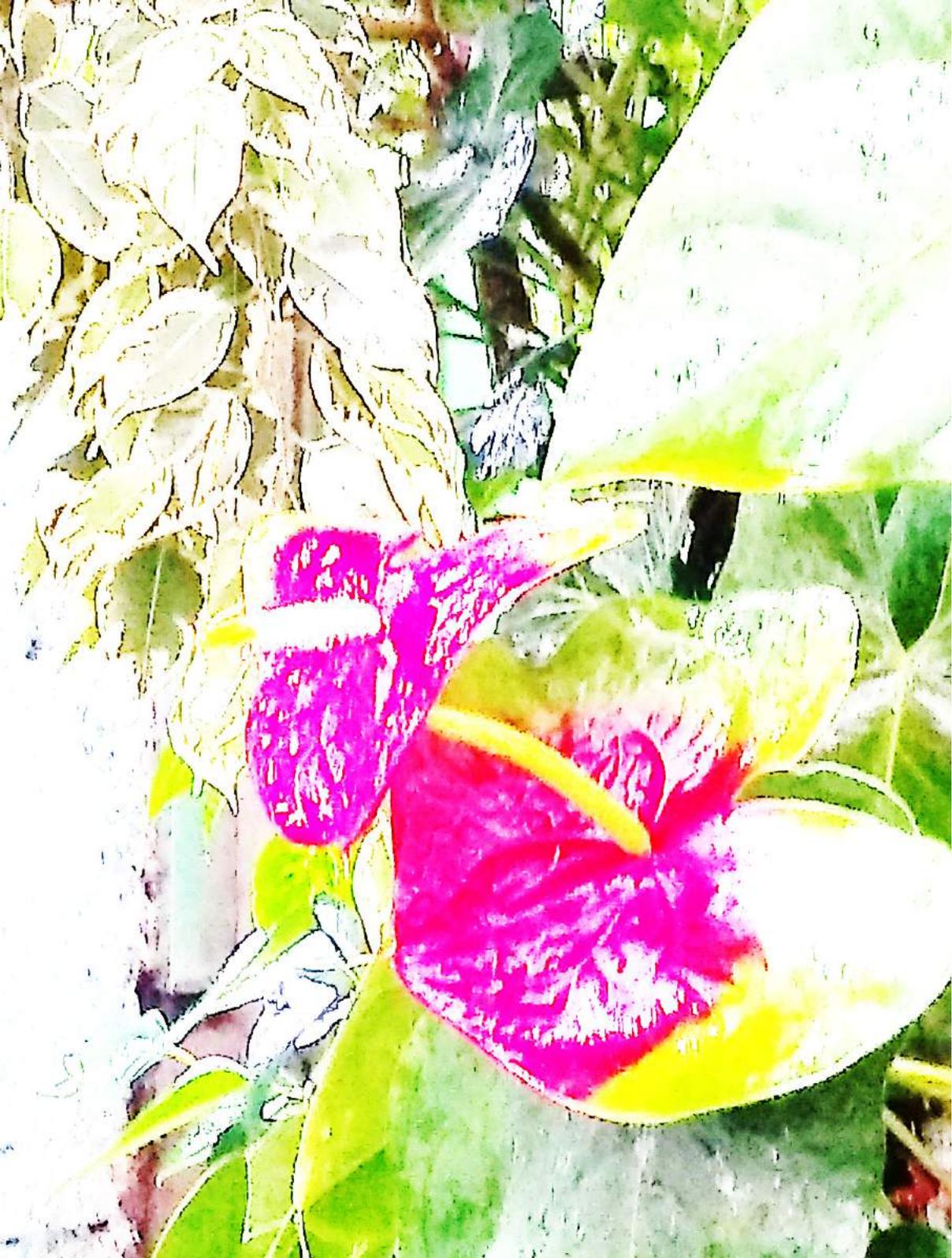


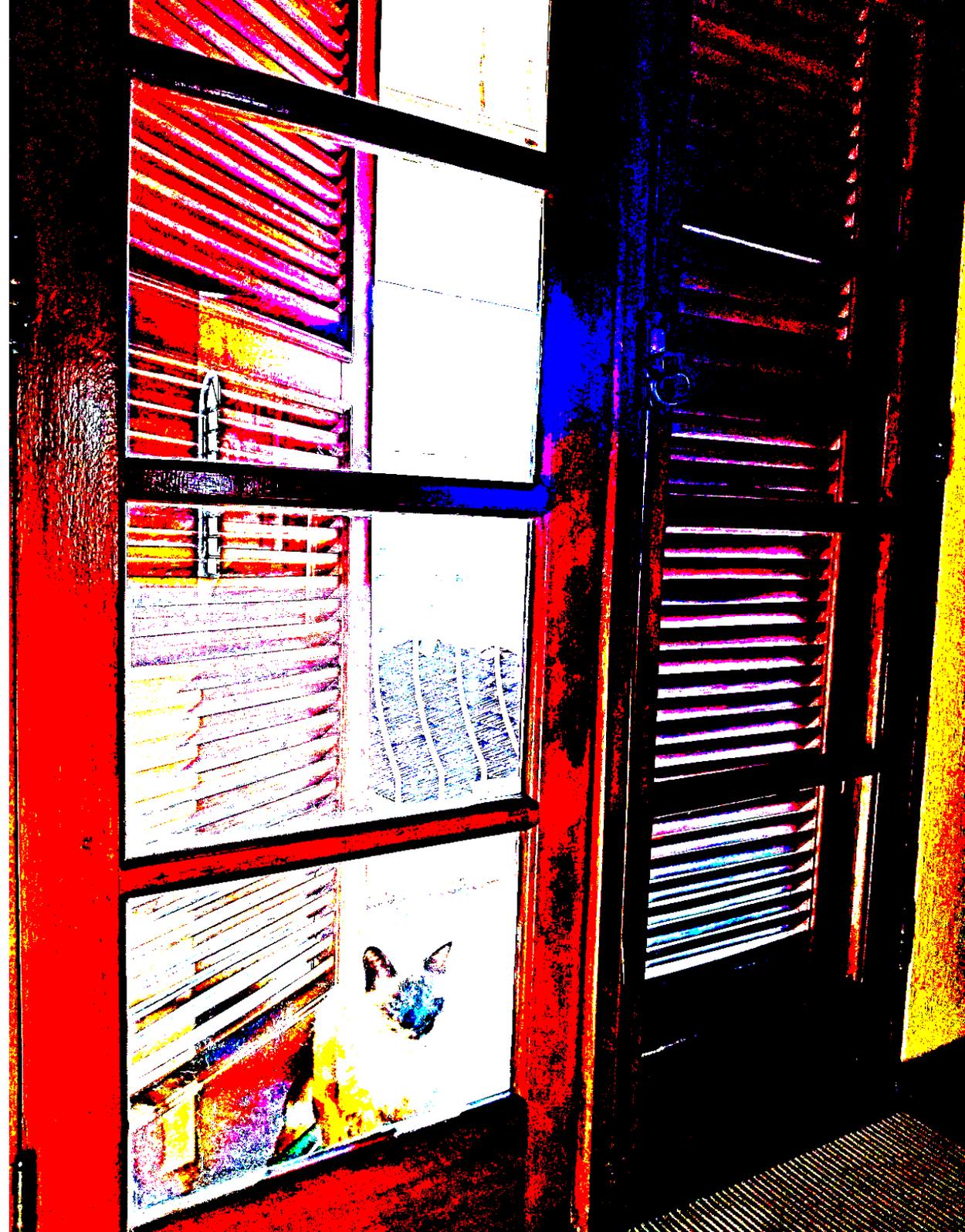




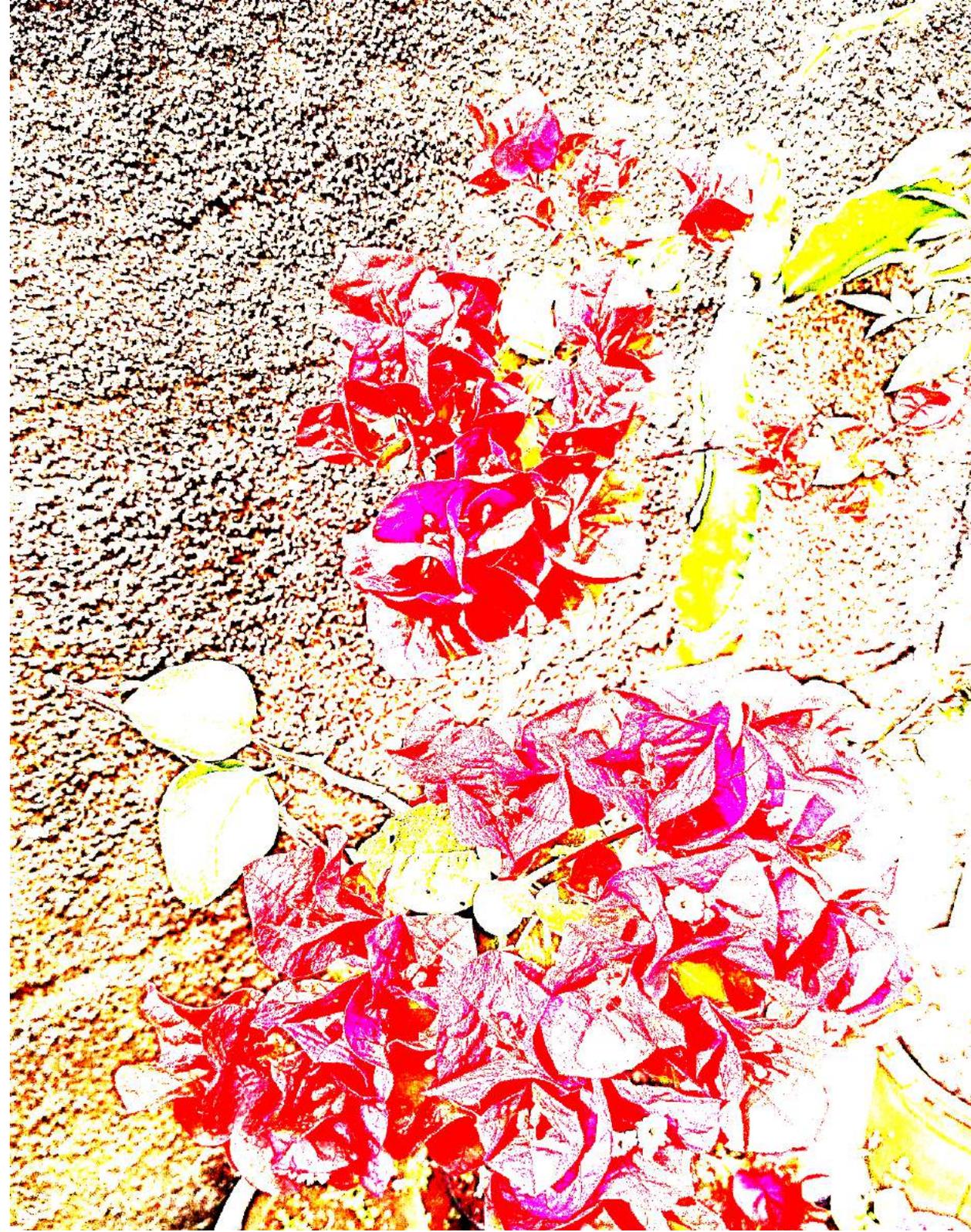


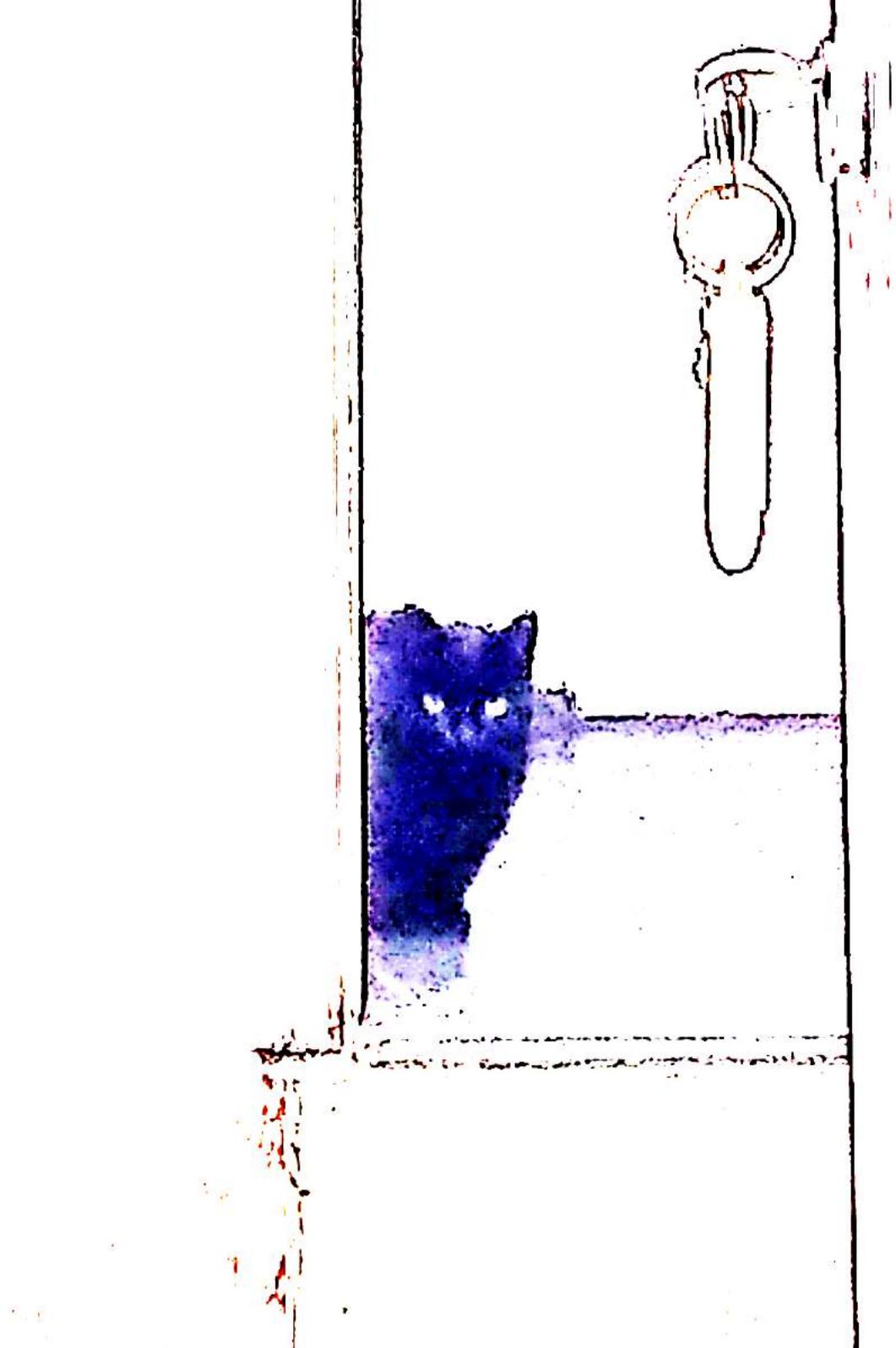


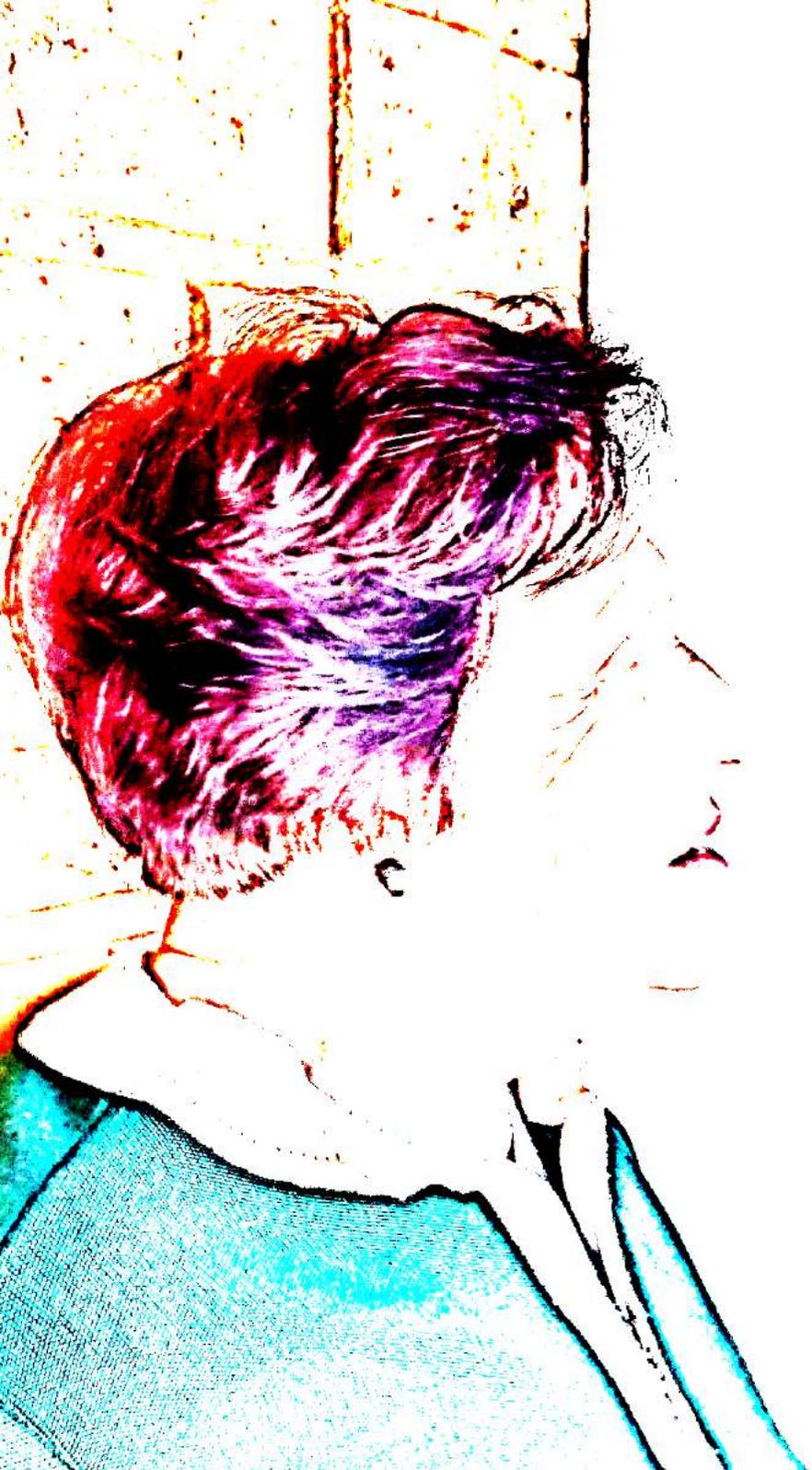


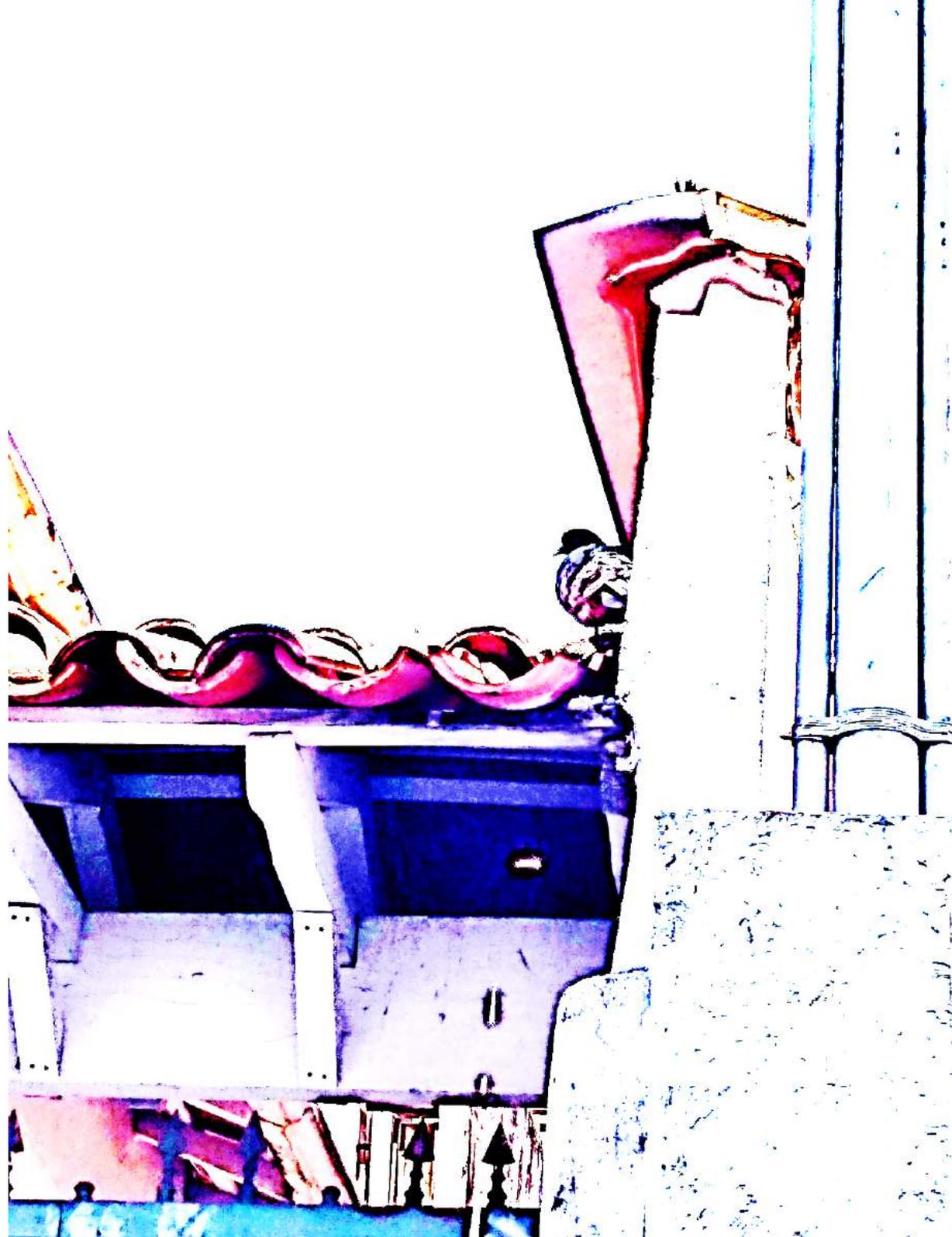




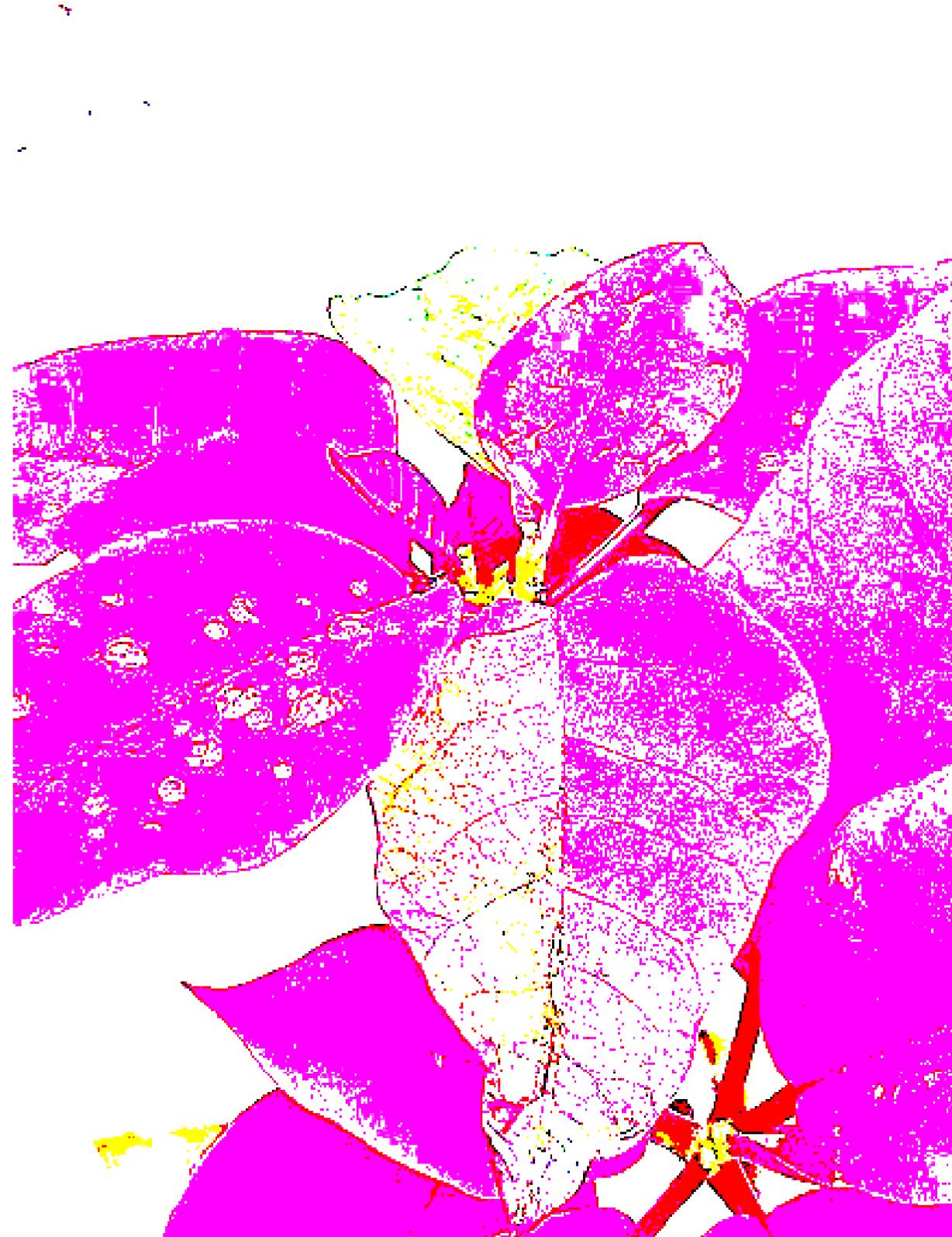




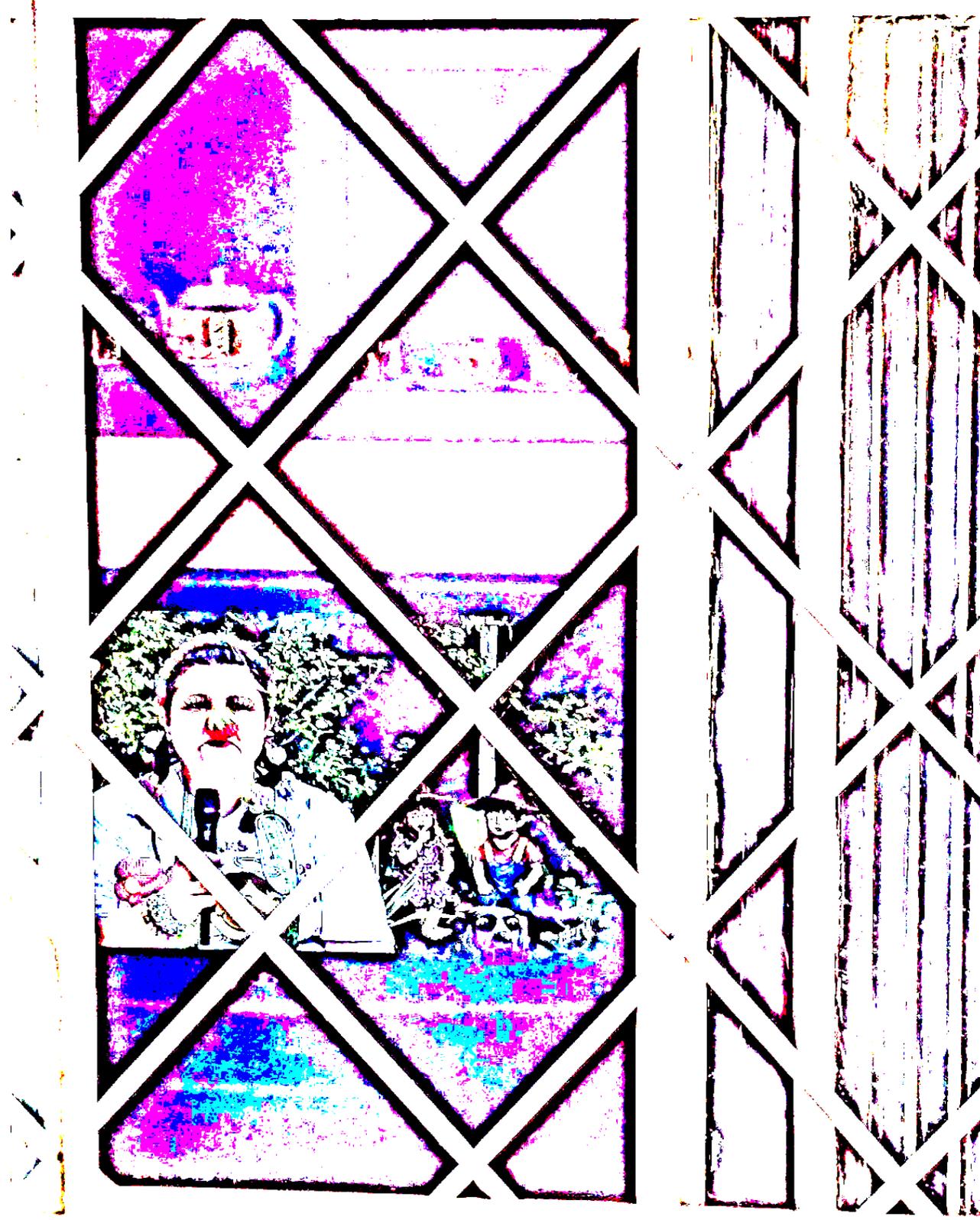


















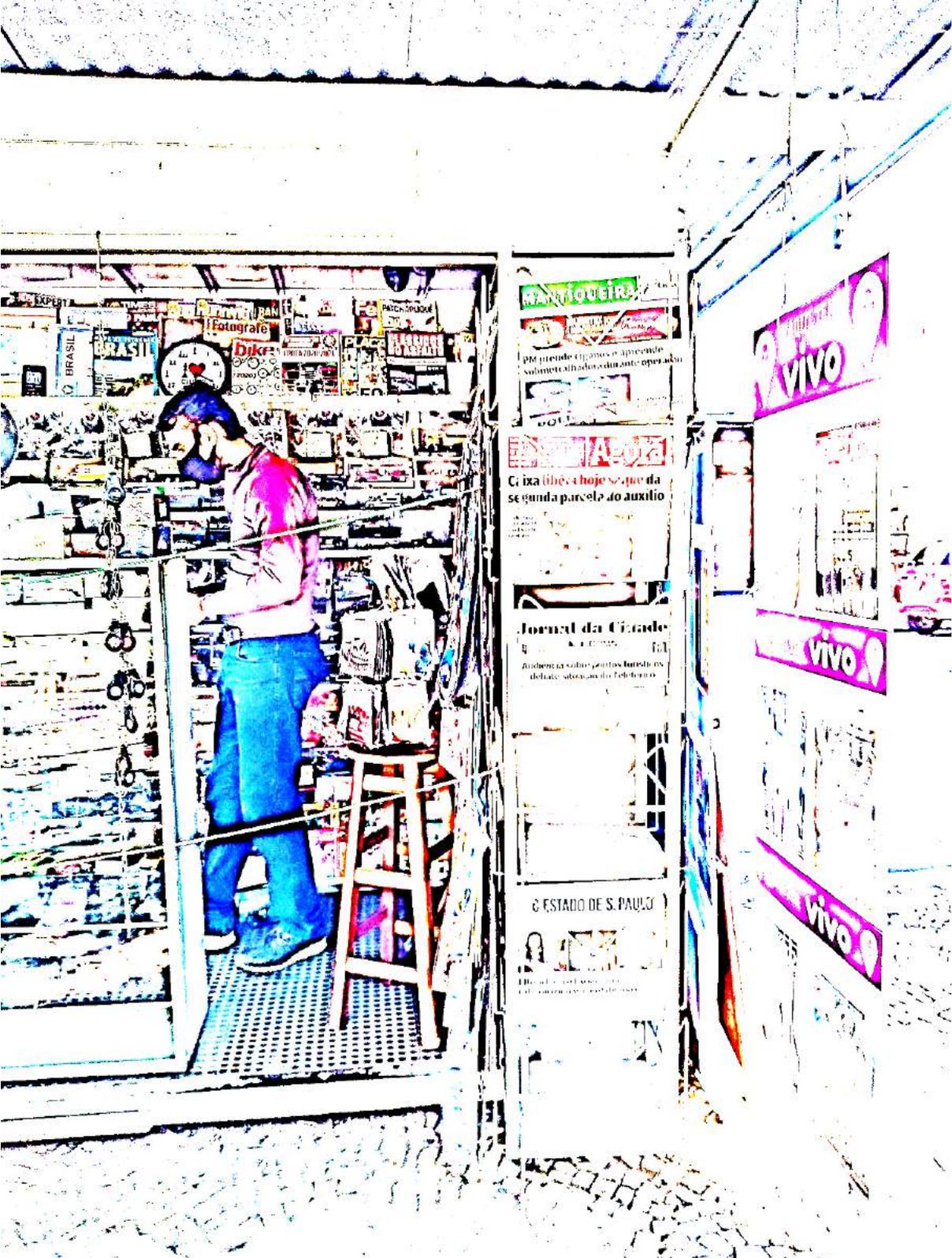


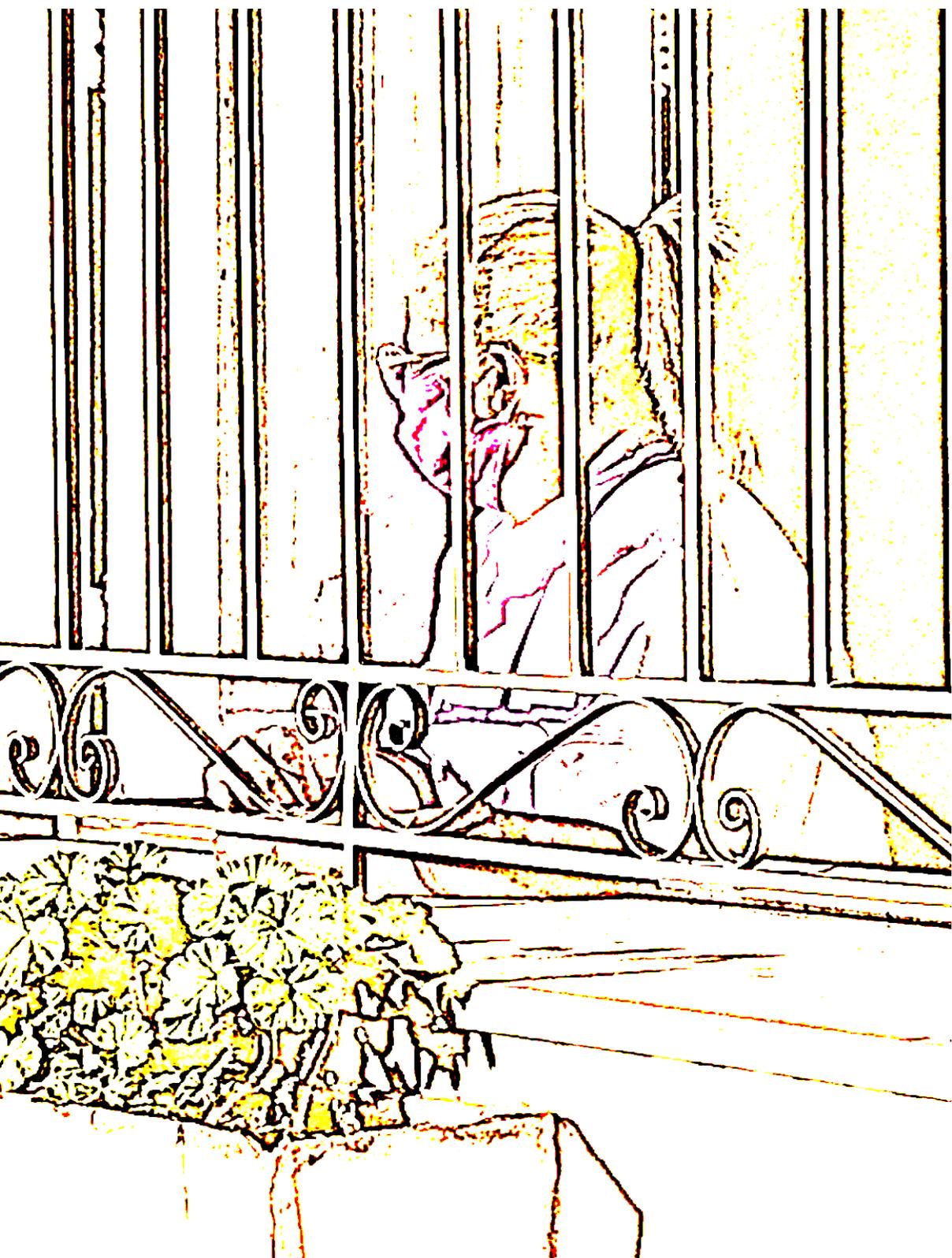


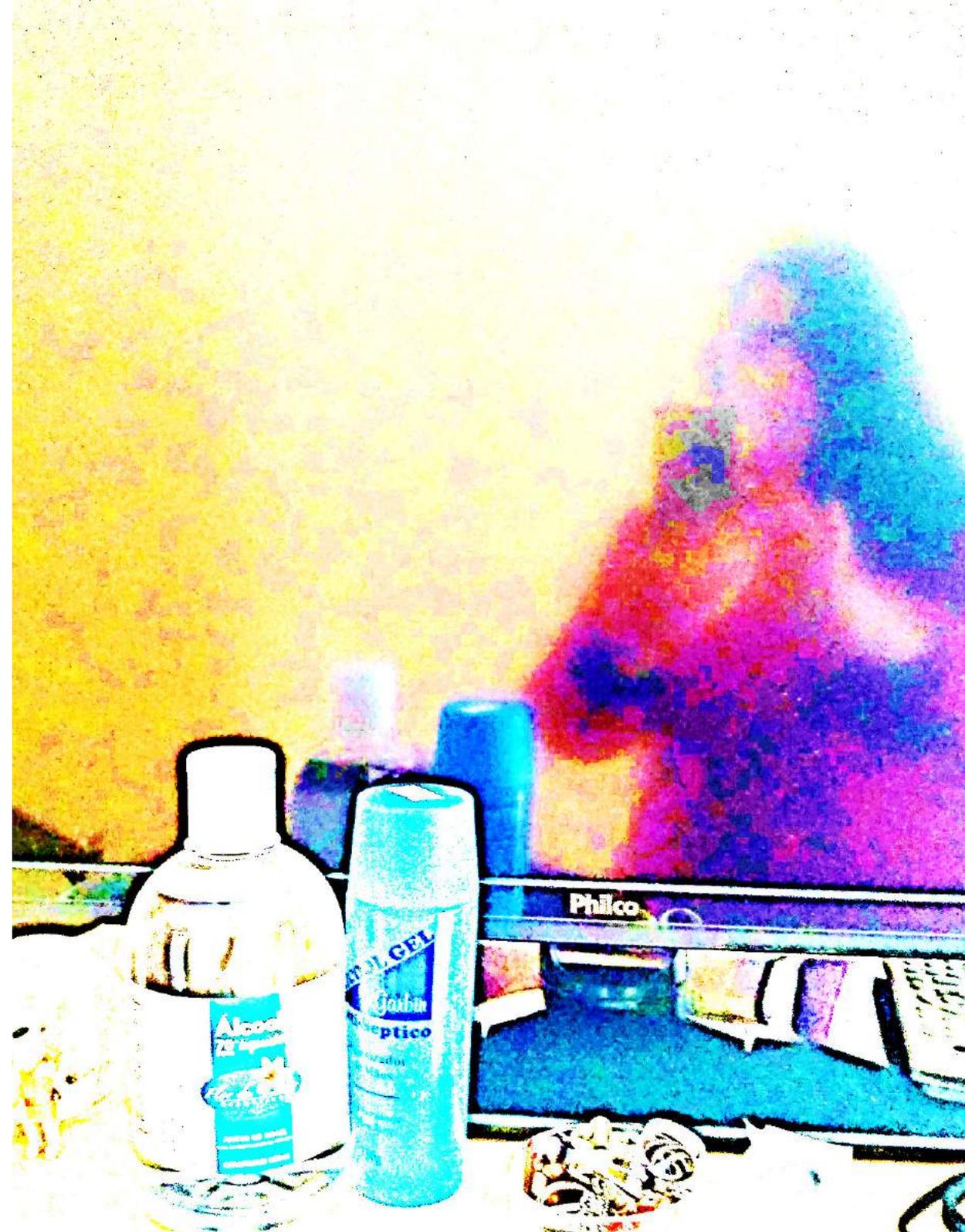


O cenário do sonho
mudou (...)

Carl Gustav Jung









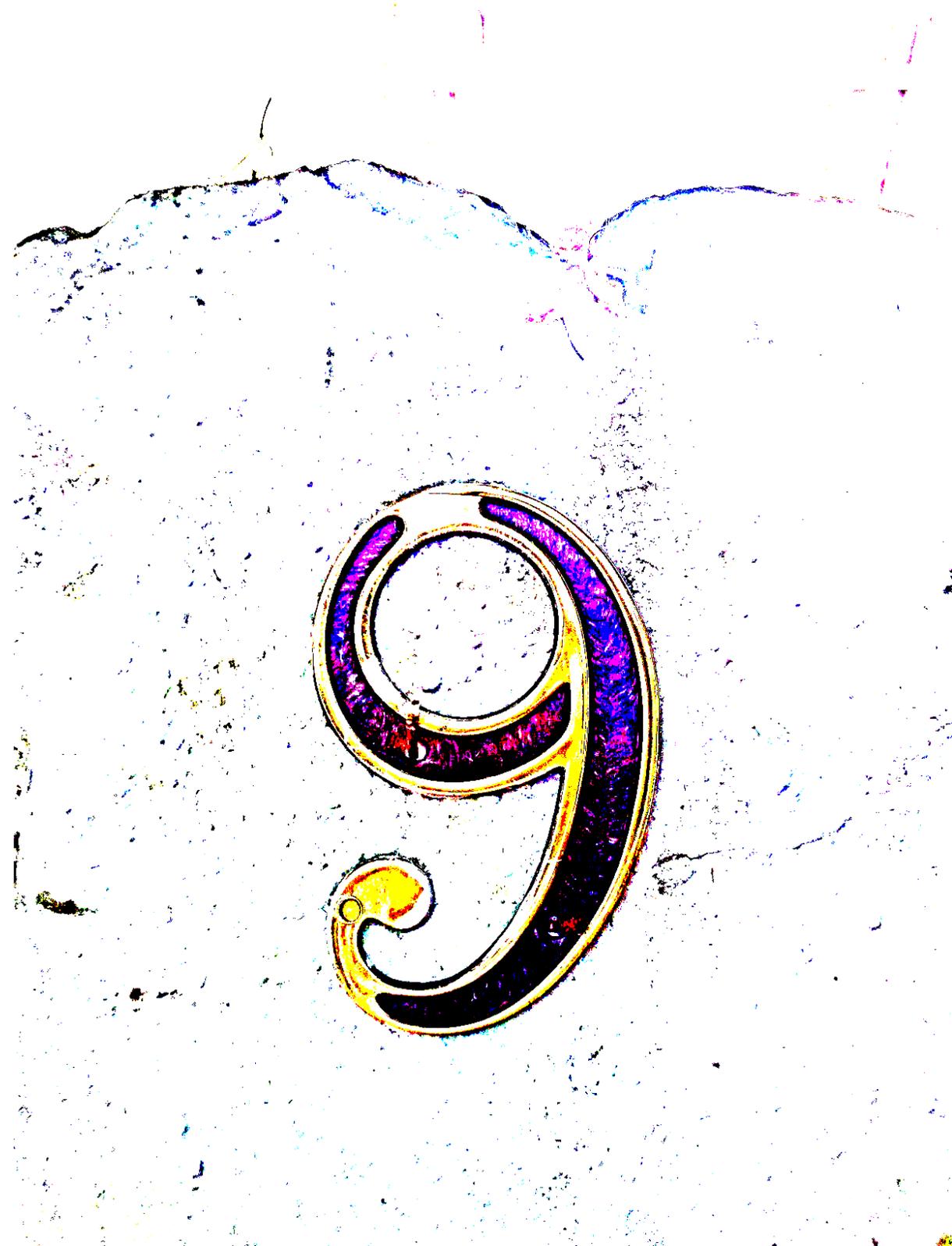




















AD









Parecia-me ter caído alguma vez, em algum lugar, num vale de diamantes, sem conseguir convencer a ninguém, nem mesmo a mim, que os fragmentos de pedra que trouxera de lá _ quando olhados mais de perto _ eram mais do que simples cascalhos (...)

Carl Gustav Jung



Contrariamente ao que a história nos inculcou, a fotografia pertence ao âmbito da ficção muito mais que ao das evidências. Fictio é o participio de fingere que significa “inventar”.

A fotografia é pura invenção. Toda fotografia. Sem exceções.

Joan Fontcuberta



PRA MOSTRAR AQUI DENTRO
TÁ CERTO,

MAS LÁ FORA...



ALMA RUBRA,
MISTÉRIOS DE MIM,

Entre os dias
A dentro interiores
adentro
descentro ao centro
diluídas memórias
Reinvento histórias
deságua aquarela no mar
pegadas da luz remar
Índice de autoria
Heresia é não amar

Desde esse momento pus -me a serviço da alma. Eu a amei e odiei, mas ela sempre foi minha maior riqueza. (...)

Carl Gustav Jung

